

## Tertulian e a Ontologia do século XX

*Tertulian and the Ontology of 20th Century*

*Tertuliano y la ontología del siglo XX*

Vitor Bartoletti Sartori<sup>1</sup>

### Resumo

Abordaremos o modo pelo qual Nicolas Tertulian se relaciona com a ontologia do século XX. A partir de sua leitura da obra tardia de Lukács, o autor romeno traz o debate ontológico ao seio do marxismo. Ao mesmo tempo, porém, não deixa de haver certa tendência em seu pensamento de trazer uma apresentação dos temas de autores como Heidegger e Hartmann como central à constituição do pensamento lukacsiano. Nisso, ao mesmo tempo, Tertulian escapa de qualquer vulgarização e corre o risco de aproximar-se autores que, de acordo com a própria *Ontologia do ser social*, são opostos ao marxismo.

**Palavras-chave:** Tertulian, Lukács, Ontologia do século XX, marxismo, ontologia do ser social.

### Abstract

We will approach the way in which Nicolas Tertuliano deals with the Ontology of the 20th century. From his reading of Lukács' late work, the Romanian author brings the ontological debate to the heart of Marxism. At the same time, however, there is still a certain tendency in his thought to present the themes of authors such as Heidegger and Hartmann as central to the constitution of Lukacsian thought. At the same time, Tertulian escapes any vulgarization of Lukács' ontology and runs the risk of approaching authors who, according to the *Ontology of Social Being* itself, are opposed to Marxism.

**Key-words:** Tertulian, Lukács, Ontology of 20th Century, Marxism, Ontology of Social Being.

### Resumen

Abordaremos la forma en que Nicolas Tertulian se relaciona con la ontología del siglo XX. A partir de su lectura de la última obra de Lukács, el autor rumano lleva el debate ontológico al corazón del marxismo. Al mismo tiempo, sin embargo, todavía hay una cierta tendencia en su pensamiento a presentar los temas de autores como Heidegger y Hartmann como centrales en la constitución del pensamiento lukacsiano. En esto, al mismo tiempo, Tertuliano escapa a cualquier vulgarización y corre el riesgo de acercarse a autores que, según la propia Ontología del Ser Social, se oponen al marxismo.

**Palabras clave:** Tertuliano, Lukács, ontología del siglo XX, marxismo, ontología del ser social.

### 1. Introdução

Talvez o principal mérito de Nicolas Tertulian tenha sido mostrar que as obras tardias de Lukács – sua *Estética* e sua *Ontologia* – podem fazer frente ao que há de mais sofisticado na

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: vitorbsartori@gmail.com

filosofia do século XX. Ao debater com autores como Habermas, Hartmann, Heidegger, Bloch, Adorno, entre outros, o autor de *György Lukács: etapas de seu pensamento* estético explicita esta possibilidade. Na esteira do próprio Lukács, Tertulian não cansa de enfatizar como que há dois *fronts* neste tema: de um lado, há um acerto de contas com a filosofia do século XIX, conformada, sobretudo, na filosofia clássica alemã. Doutra, tem-se a filosofia do século XX, com suas diferentes matrizes. Aqui, pretendemos traçar este percurso na esteira da teorização do autor romeno e apreciando os ganhos bastante significativos de tal abordagem, bem como certos pontos em que esta abordagem leva o pensamento de György Lukács a searas que nem sempre foram bem-vistas pelo marxista húngaro, principalmente, depois da década de 1930.

## 2. Tertulian, Lukács e os embates filosóficos com a filosofia hegeliana

Um primeiro aspecto que precisa ser destacado ao se ter em conta o nosso tema é que, tal qual o autor da *Ontologia*, há em Tertulian, uma ênfase bastante grande no embate necessário com o pensamento hegeliano. E isto ocorre tanto para que se possa analisar a formação do pensamento de Marx (e, do próprio Lukács, deve-se dizer) quanto para que seja possível enxergar a filosofia do século XX, que teria sido marcada – como sempre insiste o autor de *Lukács e seus contemporâneos* – pela maneira hegeliana de se tratar o estranhamento. Vale destacar também que todos os autores do século XX que mencionamos acima procuram trazer uma interpretação própria sobre o filósofo da *Fenomenologia do espírito*. Não podemos aqui apreciar quão acertadas (ou errôneas) são os posicionamentos destes autores, mas é preciso que se pontue brevemente que eles remetem – tal qual Lukács – a um acerto de contas com Hegel e com seus discípulos.

Habermas procura as raízes do que chama de razão comunicativa em uma leitura dos escritos de juventude de Hegel (diga-se de passagem, oposta àquela de Lukács em sua *O jovem Hegel*), também procura retomar Kant em oposição a Hegel e a Marx no que diz respeito à temática da teoria social e da realidade efetiva; Hartmann, ao trazer certa leitura de Aristóteles, busca criticar o caráter teleológico do pensamento hegeliano ao mesmo tempo em que se contrapõe à ontologia heideggeriana. Assim, de acordo com Tertulian, tal autor traz apontamentos interessantes à elaboração da *Ontologia* de Lukács, a qual não deixa de criticar pesadamente o autor de *Ser e tempo*; Heidegger, por sua vez, tem certa aversão à categoria da superação/supressão, enxergando em Hegel uma espécie de ontoteologia e procurando ver o pensamento hegeliano, bem como o marxiano, como aqueles que teriam lidado com a história a confundindo com o que chama de

historiografia. A ontologia fundamental heideggeriana, assim, traria consigo uma aversão à tematização da história universal, bem como da relação entre possibilidade e efetividade, temas centrais tanto a Hegel quanto a Marx (e Lukács); Bloch, além de profundamente influenciado pelo tratamento hegeliano da natureza, remete à problematização das categorias sujeito e objeto e vem a criticar a natureza *post festum* da filosofia hegeliana, enfatizando a lógica do ser hegeliana, em oposição àquilo que acontece em Lukács, que vem a valorizar a lógica da essência, com a tematização das determinações de reflexão; Adorno tem por central tanto a crítica da categoria hegeliana da reconciliação quanto uma leitura *sui generis* da superação/supressão hegeliana, que ocorreria, não tanto em qualquer termo médio, mas pelos extremos. Em sua tematização destes aspectos da obra de Hegel, inclusive, vem a acusar o pensamento lukacsiano de ter feitos concessões ao stalinismo em uma espécie de reconciliação extorquida.

Ou seja, um autor que foi central ao debate de György Lukács em seu embate com a filosofia, aquele da *Fenomenologia do espírito*, também teria sido de enorme importância para grandes filósofos do século XX, com quem o marxista húngaro se confrontou de modo mais ou menos direto. Tertulian, ao tratar da relevância da obra lukacsiana para ao presente, destaca também como que a filosofia clássica alemã ainda é extremamente necessária ao debate filosófico. Ele também deixa claro que as querelas filosóficas (inclusas nelas as estéticas) ainda passam por um acerto de contas com Hegel.

Como mostraremos posteriormente, porém, talvez o autor romeno não concorde com a posição lukacsiana segundo a qual depois de Hegel não haveria mais nada de novo. Primeiramente, portanto, precisamos enfatizar o modo pelo qual Tertulian analisa a relação de Lukács com o pensamento hegeliano; depois, procuramos trazer como o autor de *György Lukács: etapas de seu pensamento estético* vê a ligação do autor húngaro com grandes pensadores da filosofia do século XX, ou seja, com seus contemporâneos.

É preciso deixar claro que, como o autor de *Lukács e seus contemporâneos* procura demonstrar, a obra lukacsiana é marcada profundamente por tal embate com Hegel e com a filosofia alemã do século XIX. Tertulian olha para o posicionamento da filosofia lukacsiana mostrando como que há uma correlação importante entre duas das obras do marxista húngaro que têm o autor da *Fenomenologia* como um marco: de um lado, *O jovem Hegel*; doutro a *Destruição da razão*. Ao tratar da primeira, Nicolas Tertulian destaca certa herança hegeliana que é apropriada criticamente por Marx já nos *Manuscritos* de 1844. Já ao abordar a segunda, demonstra o filósofo

romeno como que a dissolução do hegelianismo, de um lado, trouxe a valorização da razão, da democracia e da história no marxismo e, de outro, apontou para a emergência do irracionalismo como uma vertente filosófica dominante no século XX.

É preciso dizer também que a obra kantiana também é debatida pelo autor húngaro, principalmente, ao tratar da categoria da particularidade e de temas ligados à estética, que foram abordados pelo autor da *Crítica do Juízo* e que são debatidos pelo marxista húngaro ao tentar explicitar a peculiaridade do estético. Porém, destaca Tertulian com razão, que o principal embate de Lukács é com Hegel. Ele aponta, inclusive, que isto se dá na medida em que a superação hegeliana dos pontos de partida kantianos é profundamente valorizada por Lênin, que, em *Materialismo e empiriocriticismo*, aborda a temática. E, como demonstrou Tertulian, talvez, dos grandes filósofos marxistas do século XX, somente Althusser e Lukács tenham valorizado tal obra leniniana. Ou seja, o debate com a filosofia do século XIX, e com a filosofia clássica alemã em especial, aparece a Lukács tendo Hegel como um marco e como o ápice do desenvolvimento da filosofia burguesa. E, por isso, na leitura de Tertulina, e do próprio Lukács, Marx – como indicado em *O capital* – não teria tratado o autor da *Fenomenologia* como um cachorro morto. E tal ponto seria decisivo para a constituição da filosofia lukacsiana.

De acordo com Lukács, e Tertulian sempre enfatiza tal aspecto, a tematização da objetivação, da alienação e do estranhamento por parte de Marx estaria profundamente marcada pela solução problemática dada por Hegel na *Fenomenologia* ao tema. O autor de *O capital* sempre teria valorizado o pensamento hegeliano; porém, nunca teria deixado de expressar a sua insuficiência, principalmente nestes pontos. Nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx critica o modo pelo qual, ao final, no filósofo alemão, a superação do estranhamento acaba por redundar na própria “superação” da realidade objetiva como algo dotado de autarquia. Ou seja, o idealismo hegeliano seria bastante dúplice e estaria ligado indissolúvelmente à sua posição diante da realidade de sua época: ao mesmo tempo em que pretenderia a valorização da razão, um tratamento histórico da realidade efetiva, do progresso, bem como da democracia, ele somente conseguiria enfocar estes aspectos e os reconciliar com a sociedade civil-burguesa a partir de uma posição que adota o idealismo do sujeito-objeto idêntico, bem como um *télos* na história. Esta posição, ao mesmo tempo, traria um realismo muito grande e faria de Hegel um pensador avesso a utopias e a qualquer valorização exagerada do dever-ser. Mas também estaria envolta na posição (burguesa) da economia política, segundo a qual a sociedade civil-burguesa, ou seja, a sociedade capitalista, traria

aquilo de mais racional na história.

Lukács trata destes aspectos tanto no *Jovem Hegel* quanto na parte da *Ontologia* dedicada a Hegel. E Tertulian explicita como que tal leitura realizada pelo autor húngaro faz com que ele veja o pensamento burguês posterior a Hegel de modo bastante negativo.

Sendo da essência do pensamento burguês adotar o ponto de vista da sociedade civil-burguesa, e estando a solução burguesa mais interessante marcada por uma dubiedade perturbadora para aqueles que já veem o capitalismo maduro, resta à filosofia posterior a Hegel soluções que, em seus fundamentos filosóficos, colocam-se no sentido oposto àquelas do autor da *Fenomenologia*. Em *A destruição da razão*, explica-se como que a dissolução do hegelianismo traz, cada vez mais, no pensamento burguês, uma posição irracionalista, contrária ao progresso e antidemocrática. Ou seja, um ponto bastante importante para que Lukács possa debater com seus contemporâneos é a relação com Hegel e com os grandes temas da filosofia hegeliana, que teriam sido herdados – para que se utilize a dicção de Engels de *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* – por Marx, Engels e pelo melhor da filosofia marxista. De um lado, o marxismo traria o legado daquilo que haveria de mais progressista no desenvolvimento bimilenar da filosofia ocidental; doutro, a filosofia burguesa acaba por adotar uma postura crescentemente reacionária diante daquilo que outrora aparecia na própria teorização da burguesia em ascensão e que teria seu ponto culminante em Hegel.

Ou seja, tem-se a decadência ideológica da burguesia explicitando-se na filosofia a partir das posições que começam a ser adotadas, no âmbito alemão, por Schelling e que, no limite, chegam a Hitler. Tal processo é explicado pelo marxista húngaro em *A destruição da razão*, que, segundo Tertulian, aparece como uma espécie de contraparte ao *Jovem Hegel*. E, assim, reitera-se a importância da filosofia hegeliana para a formação e autoimagem da teorização lukacsiana sobre o passado, o presente e o futuro.

No tratamento lukacsiano da obra filosófica de Hegel, vê-se o desenvolvimento e o ápice da filosofia burguesa. Na obra em que o autor húngaro trata do irracionalismo que culminaria no nazismo, tem-se a decadência do pensamento burguês, que, para que se use uma expressão posterior de Lukács (expressa nas últimas entrevistas do marxista húngaro), não traria mais “nada de novo” em termos progressistas. Tratar-se-ia do desenvolvimento de posições reacionárias que começariam justamente por atacar o pensamento hegeliano. Em um segundo momento, elas se voltariam contra a emergência do movimento dos trabalhadores e, já no século XX, estariam

embebidas de um sentimento de aversão ao desenvolvimento daquilo que foi chamado na época de socialismo. Ou seja, no campo da filosofia, Lukács é profundamente crítico diante dos esforços da teorização burguesa. Mesmo que elas apreendessem sintomas importantes da época de modo perspicaz (basta pensar no posicionamento do marxista húngaro diante do impessoal heideggeriano), elas acabariam por eternizar a sociedade capitalista de modo mais ou menos estilizado. Isto, inclusive, aconteceria no desenvolvimento de ontologias, como as de Hartmann e de Heidegger. Ambas, de acordo com *A destruição da razão*, trariam uma abordagem, ao fim, ahistórica da sociabilidade e, por isso, inaceitável.

### 3. Tertulian, Lukács e a ontologia do século XX

Assim, um dos *fronts* nos quais Lukács se colocou foi a leitura crítica da filosofia do século XIX, em que a centralidade do debate com Hegel, como bem destacou Tertulian, é marcante. O outro *front*, porém, chega aos seus contemporâneos e, pelo que estamos dizendo, o embate com ontologias vem a adquirir grande relevo. Inclusive, vale destacar que em *A destruição da razão*, a categoria “ontologia” ainda é usada de modo pejorativo, para criticar autores como Hartmann e Heidegger, os quais seriam incapazes de uma abordagem efetivamente histórica. Posteriormente, depois de ler os trabalhos de Ernst Bloch sobre ontologia, e principalmente em sua *Estética* e em sua *Ontologia*, suas obras maduras, Lukács muda de posição. A noção deixa de dizer respeito exclusivamente ao pensamento burguês, que é incapaz de lidar de modo correto com a historicidade da sociedade; o termo passa a se referir à apreensão da própria realidade efetiva. Ou seja, seria possível, inclusive, falar de uma ontologia em Marx, que, como ninguém, buscou apreender o ser propriamente-assim da sociedade capitalista. Tratar-se-ia, portanto, de defender uma ontologia do ser social. O debate com o século XX, portanto, chega a outro ponto: seria preciso se voltar contra o irracionalismo subjetivista e defender a possibilidade de se apreender o em-si do real. E isto seria a tarefa da ontologia.

Há de se notar, portanto que, ao se voltar ao embate com seus contemporâneos, Lukács traz uma crítica às ontologias de seu tempo e modifica profundamente o sentido da categoria “ontologia”. Ele não utiliza o termo no sentido acadêmico ou no sentido de Heidegger (ontologia fundamental) ou de Hartmann (ontologia crítica); enquanto estes dois autores procuram desenvolver um sentido da noção que pudesse reconduzir os grandes problemas da filosofia desde os gregos, Lukács traz o termo à tona também para reafirmar a necessidade de compreensão reta

das determinações da própria realidade efetiva. Ou seja, a busca do ser-propriadamente-assim da sociedade é que é visada pelo autor da *Ontologia*. E, assim, algo importante a se ter em mente sobre o tema é que o uso lukacsiano da expressão traz certamente um embate com a filosofia do século XX, mas não só. Tem-se também a busca pela compreensão da realidade para que se possa, ao fim, modificá-la consciente e praticamente. E, assim, haveria uma relação íntima entre a apreensão do ser-propriadamente-assim da sociedade (uma ontologia do ser social) e a práxis (colocada em uma ética). Por isso, diz o marxista húngaro que não pode haver uma ética, ou seja, uma teorização sobre a prática, sem uma ontologia, sem o entendimento das determinações objetivas da realidade efetiva, que sempre é histórica e social.

Lukács traça uma crítica ao uso tradicional da noção de ontologia e, ao modificar igualmente o sentido da noção de ética, correlaciona as duas, deixando claro que sua empreitada de maturidade tanto busca retirar o marxismo da vulgaridade do stalinismo quanto procura torná-lo novamente uma potência na transformação da realidade.

Tertulian, no entanto, destaca sobretudo o embate de Lukács com seus contemporâneos. Mostra, inclusive, que as mais sofisticadas filosofias burguesas, e em especial as ontologias, são criticadas pelo marxista húngaro. Lukács possui, de acordo com o autor romeno, respostas muito mais convincentes às questões da filosofia do século XX, que aquelas dos filósofos burgueses. Ele se volta contra as ontologias de Heidegger, de Hartmann e de Bloch; também não pode compartilhar a aversão de um Adorno ao termo “ontologia”. Neste sentido, certamente há um debate, ou melhor, uma crítica profunda e decidida de Lukács quanto aos mencionados filósofos do século XX.

Heidegger estaria marcado por um subjetivismo profundo, Hartmann teria uma abordagem professoral e Bloch seria incapaz de tratar da simultânea ligação e diferenciação do ser social diante do ser natural. Quando o marxista húngaro desenvolve sua *Ontologia*, há uma parte “histórica”, em que explicita os delineamentos das filosofias de Hegel, de Marx, do existencialismo e do neopositivismo. Ou seja, na *Ontologia*, tal qual na *Destruição da razão*, explicita-se a crítica de Lukács ao existencialismo e ao neopositivismo (que aparece no posfácio da mencionada obra). E, ao fazer isto, tem-se a reafirmação cabal dos pontos de partida de Marx. Lukács, assim, procura mostrar que o marxismo – vindo de uma leitura atenta das obras do próprio autor de *O capital* – ainda é a filosofia decisiva a nosso tempo. Por mais que suas críticas aos autoproclamados marxistas do século XX sejam muitas, o autor húngaro não deixa de reafirmar a importância do

marxismo entendido corretamente, bem como sua capacidade de lidar com grandes temas do presente, como aquele do estranhamento, por exemplo.

No que se tem um ponto que é incansavelmente destacado por Tertulian: a temática do estranhamento seria importante tanto para a filosofia de Lukács quanto para aquelas de seus contemporâneos. E mais, de acordo com Lukács, o tratamento da temática no século XX, na melhor das hipóteses, dar-se-ia no espírito hegeliano: as formas de exteriorização da vida seriam vistas como algo que se separa daqueles que trazem estas formas mesmas. Porém, não é só: tal separação, que Lukács trata ao trazer à tona a categoria da alienação, volta-se contra o desenvolvimento da personalidade dos homens, e entrava uma relação de mútuo enriquecimento entre indivíduo e gênero humano. Para que se utilize a dicção de Lukács (na *Ontologia*), pode-se dizer que a filosofia burguesa vê – tal qual Hegel – toda a alienação necessariamente como estranhamento.

E, assim, o autor de *Lukács e seus contemporâneos* mostra não só que há um debate do marxista húngaro com Hegel. Ao analisar a filosofia progressista colocada na filosofia clássica alemã, ou a filosofia irracionalista, o acerto de contas com temas hegelianos, e com o modo de Hegel lidar com estes temas, ainda seria importantíssimo. Em verdade, portanto, o embate com o autor da *Fenomenologia do espírito* seria ainda necessário ao se deparar com o tratamento dispensado ao estranhamento. Ou seja, novamente, tem-se que depois de Hegel, não há nada de novo. Há também, segundo Lukács, a necessidade de renascimento do marxismo, cujo primeiro passo estaria na leitura e compreensão do próprio Marx. Lukács, assim, está a debater com a filosofia, certamente. Porém, grande parte desse debate passa pela retomada de Marx e pela crítica da postura, na melhor das hipóteses, hegeliana, que estaria presente nos autores da época.

Ou seja, Tertulian nos dá importantes diretrizes para a leitura mais rigorosa de Lukács. Porém, talvez o autor romeno veja as críticas de Lukács a seus contemporâneos como um debate muito mais afável do que realmente é. O autor da *Ontologia* é o primeiro a trazer Marx ao debate do século XX e, neste sentido, desenvolve posturas originais, que não necessariamente correspondem àquelas de Marx (justamente na temática do estranhamento isto é visível); Tertulian, ao ler o marxista húngaro, talvez realize um movimento parecido. E isto não deixa de trazer grandes méritos à teorização do autor romeno, mesmo que tais méritos, por vezes, possam ser dele mesmo e não de Lukács.

Ao reafirmar a importância do marxismo, e da obra tardia do marxista húngaro, o pensador romeno estabelece diálogos que nem sempre se dão de modo tão aberto em Lukács. É o caso dos



apontamentos sobre estética de Tertulian, em que há uma clara valorização de Croce, em oposição à dura crítica de Lukács ao autor italiano. Isso também vale para o delineamento da categoria ontologia, em que o autor de *Lukács e seus contemporâneos* destaca a existência de uma aliança fecunda entre o marxista húngaro e a ontologia crítica de Hartmann. Trata-se de interpretações que ultrapassam aquilo que o próprio Lukács diz e, nesse sentido, Nicolas Tertulian traz inovações.

Este movimento de Tertulian traz, certamente, grandes ganhos no debate filosófico. O autor romeno mostra, não só que a posição de Lukács é bastante avessa àquela de Heidegger. Ele passa também a analisar a filosofia heideggeriana com muito cuidado e mostra como cada categoria heideggeriana (ser-aí, a historicidade, a existência, a derrilhação, o impessoal, o poder-ser, a cotidianidade, dentre outras) passa por temas também caros a Lukács, mas de maneira bastante distinta. Mesmo que a tese de Lucien Goldmann segundo a qual *Ser e tempo* seria uma resposta à *História e consciência de classe* não seja aceita por Lukács, Tertulian vai fundo na hipótese e mostra como Heidegger passa por diversos temas da obra lukacsiana de 1923. As antinomias do pensamento burguês, por exemplo, mostram-nos o pensador romeno, são criticadas profundamente na ontologia fundamental heideggeriana, havendo um tratamento do tema muito distinto na *Ontologia*. Nesta última obra se enfatiza as mediações e a especificidade de cada esfera do ser social, a qual se relaciona com outras esferas na medida de suas diferenças específicas. Ou seja, o procedimento lukacsiano é muito distinto do heideggeriano. Nos dizeres de Tertulian, tem-se de um lado, uma ontologia fenomenológica, doutro, uma abordagem ontológico-genética. Coloca-se, assim, a valorização da história universal em oposição à historicidade heideggeriana. E, talvez, a análise de Tertulian seja praticamente a única análise marxista (depois da lukacsiana) que leva a sério a tentativa de trazer uma crítica imanente das categorias heideggerianas.

Tais pontos não são explícitos em sua totalidade na obra de Lukács, de modo que a contribuição de Nicolas Tertulian é gigantesca. Qualquer um que queira tratar da ontologia de Lukács, e contrapô-la à mais importante abordagem do tema na filosofia burguesa (a heideggeriana), precisa ler os textos do filósofo romeno, sem dúvida.

Se formos analisar as contribuições de Tertulian ao tratar de Hartmann e Bloch, chega-se a algo similar. Trata-se de referência obrigatória. No caso de Hartmann, tem-se em Lukács a classificação do autor como um idealista inteligente. Tertulian, no entanto, procura aproximar a abordagem de Hartmann daquela de Lenin de *Materialismo e empiriocriticismo*, obra bastante valorizada pelo autor da *Ontologia*. Com isso, indo no sentido oposto àquele lukacsiano quanto à

crítica ao pensamento hartmanniano, há um destaque bastante grande da posição materialista segundo a qual há uma autarquia da realidade. E tal ponto é central na *Ontologia* de Lukács. Tertulian também aponta como o marxista húngaro critica a ausência de um tratamento ontológico-genético na ontologia crítica de Hartmann, havendo dificuldades em Hartmann ao lidar com o desenvolvimento histórico concreto. Tem-se também no pensador da ontologia crítica uma contraposição à logicização do real, presente em Hegel. E, assim, a aliança fecunda existente entre Lukács e Hartmann ficaria clara tanto ao se ter em conta a crítica a Hegel (realizada com certa referência a Aristóteles) quanto ao se passar pela autarquia do real, bem como pela autonomia relativa de cada esfera do real. Não se trataria propriamente das “origens da ontologia de Lukács”, como querem as más línguas. Porém, ao que nos parece, a posição que Tertulian atribui a Hartmann é muito semelhante àquela que Engels atribuiu a Feuerbach. Ou seja, há uma grande valorização, mas também se tem o reconhecimento da insuficiência da posição do autor. Trata-se, novamente, de desdobramentos feitos pelo autor romeno ao analisar o tema. Eles são originais e precisam ser analisados com cuidado por qualquer um que estude seriamente o tema. Porém, não é possível deixar de apontar que eles negligenciam as duras críticas que Lukács tece ao pensamento hartmanniano.

O autor da *Ontologia* é bastante duro ao apontar o caráter professoral da ontologia crítica de Hartmann. Tratar-se-ia de um autor, ao fim, incapaz de lidar com elementos essenciais da realidade histórico social e, assim, compará-lo com o autor de *Materialismo e empiriocriticismo* seria, no limite, ofensivo ao movimento comunista. E mais, a ontologia de Hartmann, ao fim, cairia em certo epistemologismo. Para que se use a dicção de José Chasin, ter-se-ia uma abordagem mais próxima do que se pode chamar de pseudo-ontológica. Portanto, se no caso de Heidegger vem à tona o melhor do pensamento de Tertulian, bem como de seu modo de proceder, aqui, com Hartmann, há aspectos problemáticos que precisam ser apontados, e que podem levar a concepções equivocadas.

No caso de Bloch, os conhecimentos de Tertulian trazem grandes contribuições também. E isto se explicita ao passo que ao marcar a diferença específica entre duas ontologias desenvolvidas por marxistas, passa-se por um tema essencial: a correlação entre o ser social e o ser natural. O autor romeno debate não só com Bloch neste ponto, mas também com o clássico de Alfred Schmidt, *A doutrina da natureza em Marx*. Ele, inclusive, traz à tona a troca de correspondências entre Lukács e Schmidt e mostra como que, tal qual com Bloch, havia uma

relação amistosa entre aqueles que debatiam (no caso, um debate efetivo, e não algo a ser explicitado ainda) ao mesmo tempo em que as posições divergiam no essencial. Novamente, a querela passava por ninguém menos que Hegel, que vinha a criticar como uma espécie de materialista já ultrapassado qualquer autarquia da legalidade da natureza. Lukács, por sua vez, reafirma tal autarquia, destacando o processo de afastamento das barreiras naturais. Afirmar-se, assim, a impossibilidade de se suprimir a natureza, ao mesmo tempo em que se mostra que as barreiras que se colocam aos homens (mesmo ao lidar com fenômenos naturais) são crescentemente sociais e, como tais, podem ser superadas. Ou seja, como mostra Tertulian, a importância do debate com Bloch não é pequena para Lukács. Porém, é preciso dizer que alguns dos temas prediletos do autor do *Princípio esperança*, como a utopia e a própria esperança, são vistos de modo oposto pelo autor da *Ontologia*.

Em diálogo com a *Ética* de Spinoza, Lukács vem a apontar que a esperança, em verdade, advém da não apreensão dos nexos do real, sendo uma espécie de contraparte do medo. Ambos estão baseados no desconhecimento das circunstâncias concretas, de modo que os delineamentos da ontologia de Bloch também precisariam ser criticados.

Tertulian ainda traz vários embates da teoria lukacsiana com outros autores, como os já mencionados Habermas e Adorno, mas também com autores como Sartre, bem como com teóricos que estão longe do espectro do marxismo, como Carl Schmitt e Gehlen.

Ou seja, quando se trata de um estudo filosófico da obra do marxista húngaro, o rigor e a seriedade de Nicolas Tertulian são imprescindíveis. Ele explicita várias posições do próprio Lukács a partir do diálogo com aquilo que se coloca de melhor, mais sério e mais sofisticado no pensamento burguês. As pretensões do pensador romeno são elevadas e ele é muito bem-sucedido em mostrar que as teorizações do marxista húngaro precisam ser levadas a sério por qualquer pessoa que olhe de modo honesto a filosofia, bem como os diversos campos da teoria social. Porém, é preciso apontar também que há outro lado da teorização de Lukács que merece menos destaque no tratamento do autor romeno.

O autor de *Lukács e seus contemporâneos* enfatiza como que o pensador húngaro não tem nada de professoral e busca colocar o marxismo como uma força ativa na transformação da sociedade. Ao tratar disso, não deixa de remeter ao “projeto da grande Ética” de Lukács. Tertulian destaca que, infelizmente, tal obra não teria sido escrita e que temas essenciais dela passariam pela questão da generidade em-si, da generidade para si, do estranhamento e da correlação entre estas

categorias. Porém, neste sentido, parece que, por vezes, leva-se o sentido das categorias utilizadas pelo marxista húngaro de modo demasiadamente tradicional. É verdade que Lukács fala do projeto da grande ética. Igualmente verdadeiro é que fala que não pode haver ética sem ontologia. Porém, daí não se pode retirar nem que a *Ontologia* de Lukács era uma espécie de preparação para sua *Ética*, nem que a *Ética* de que fala o autor húngaro traria uma abordagem marxista do que geralmente é trazido sobre o tema, o que enquadraria o uso das categorias de Lukács como algo mais próximo da filosofia universitária e da tradição que o próprio autor critica. Também é certo que o tema do estranhamento, bem como da genericidade, é de grande relevo para o marxista húngaro; porém, os momentos em que se fala de uma *Ética* são distintos e levam a temáticas ligadas à confrontação dos complexos sociais que compõem o ser social e que, real e efetivamente, estão relacionados em ato. Vejamos.

Ao se olhar para a obra madura do pensador húngaro, nota-se tais aspectos mais fortemente destacados por Tertulian. Certamente, na parte histórica da *Ontologia*, ele debate com a tradição filosófica, mesmo que enfocando na atualidade de Marx. O que precisa ser destacado, porém, é que a parte “sistemática” da *Ontologia* se volta a algo muito distinto: ela pretende apreender o ser-propriadamente-assim do ser social ao analisar a peculiaridade e a diferença específica de cada complexo que compõem o ser social. Ou seja, Lukács se põe a analisar o devir do ser social em sua gênese e desenvolvimento, inclusive, apontando a historicidade dos complexos sociais. No limite, isto se dá ao tratar alguns deles – como o Direito – como complexos que têm uma origem em determinado momento (no surgimento das classes sociais, do Estado e da família patriarcal) e precisam ser suprimidos. Ou seja, o grau de concretude em que se coloca a parte sistemática da *Ontologia* faz com que se olhe para a especificidade dos complexos do ser social, que estariam efetivamente concatenados e relacionados na realidade efetiva. O modo pelo qual isto se daria, porém, diz Lukács, somente poderia ser tratado na *Ética*.

Ou seja, Tertulian está certo ao destacar que são temas importantes apontados por Lukács ao mencionar seu projeto de uma *Ética*, o estranhamento, a genericidade em-si, a genericidade para-si. Porém, há de se perceber que, assim como a noção de ontologia, a noção de ética ganha um sentido mais mundano e prosaico em Lukács que na tradição filosófica com a qual Tertulian coloca o autor húngaro a debater. Ao tratar de questões éticas, tem-se a compreensão da relação entre os complexos sociais, entre a sociedade civil-burguesa e o Estado também; trata-se, diz Lukács, de algo que estava colocado na noção hegeliana de eticidade e que precisa ser analisado para que se

possa colocar corretamente uma questão essencial ao marxismo de ontem e de hoje: que fazer?

#### 4. Conclusão

Esta é também uma questão que Lukács procura trazer à tona a todo o momento que remete à ética, que não pode ser vista sem a ontologia. É verdade que em ambos os casos há debates do autor húngaro com autores do passado (como Aristóteles, os autores da filosofia clássica alemã e Marx) e com autores de seu tempo, com os que mencionamos aqui e outros. Para enfatizar este aspecto da obra lukacsiana certamente Tertulian é a melhor referência, mesmo que seja possível discordar dele em pontos específicos. Porém, o modo pelo qual o autor da *Ontologia* – uma maneira mais prosaica e mundana – utiliza algumas categorias filosóficas, como “ontologia” e “ética” nem sempre é destacado pelo autor de *Lukács e seus contemporâneos* com a devida ênfase. E, assim, ao analisar as contribuições de Nicolas Tertulian, sabemos que estamos diante da obra daquele que pode ser considerado o maior e mais sério intérprete da obra de Lukács. Mas resta a nós ainda a tarefa de desbravar partes da teorização lukacsiana que talvez não tenham merecido a mesma atenção por parte do autor de *Lukács e seus contemporâneos*.

#### Referências

CHASIN, José. **Marx: Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã**. Trad. José Barata-Moura. In: **Obras escolhidas**. Moscovo, 1982, p. 383) (disponível em [www.marxists.org](http://www.marxists.org))

FORTES, Ronaldo Vielmi. **As novas vias da ontologia em György Lukács: as bases ontológicas do conhecimento**. Saardbrüeken: Novas Edições Acadêmicas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e gênese do ser social em Lukács**. Florianópolis: Em debate, 2016.

LUKÁCS, György. **Aportaciones a la Historia de la Estetica**. Trad. Manuel Sacristan. México: Grijalbo, 1965

\_\_\_\_\_. **Conversando com Lukács**. Trad. Giseh Vianna. Alagoas: Instituto Lukács: 2014.

\_\_\_\_\_. Conversation with Gyorgy Lukács (Interview with Franco Ferrarotti). In: **World View, May, 1972**. New York, 1972.

\_\_\_\_\_. **Destruição da razão**. Trad. Rainer Patriota. Alagoas: Instituto Lukács, 2020 a.

\_\_\_\_\_. Der Spiegel entrevista o filósofo Lukács. Trad. Reiner Patriota. In: **Verinotio: Revista On Line de Educação e Ciências Humanas**, nº 09. Belo Horizonte: 2008.

\_\_\_\_\_. **Essenciais são os livros não escritos: últimas entrevistas**. Trad. Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2020 b.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma Estética Marxista**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Alagoas: Instituto Lukács, 2018 b.

\_\_\_\_\_. **Marxismo ou Existencialismo**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Senzala, 1967.

\_\_\_\_\_. **Notas para uma ética**. Trad. Sérgio Lessa. Alagoas: Instituto Lukács, 2015.

\_\_\_\_\_. **O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018 a.

\_\_\_\_\_. **Ontologia do ser social I**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012

\_\_\_\_\_. **Ontologia do ser social II**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013

\_\_\_\_\_. **Pensamento vivido: autobiografia em diálogo**. Trad. Cristina Alberta Franco. Viçosa: UFV, 1999.

\_\_\_\_\_. Uma correspondência com Lukács. In: COUTINHO, Carlos Nelson. **Lukács, Proust e Kafka**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MARX, Karl. **O capital, livro I**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013

SARTORI, Vitor Bartoletti. Direito, ética e generidade na obra madura de György Lukács: acerca das tensões que permeiam o complexo jurídico. In: **REVISTA QUAESTIO IURIS**. Rio de Janeiro, 2017.

\_\_\_\_\_. Lukács e a especificidade da questão da ética: apontamentos sobre a crítica lukacsiana ao Direito e à moral. **Revista Direitos humanos e democracia**, V. 6. Vitória, UFES, 2018.

\_\_\_\_\_. MORAL, ÉTICA E DIREITO: LUKÁCS E A TEORIA DO DIREITO. In **Sapare Aude**. Belo Horizonte: PUC MG, 2015.

\_\_\_\_\_. **Ontologia nos extremos: o embate Heidegger-Lukács, uma introdução**. São Paulo: Intermeios, 2019.

TERTULIAN, Nicolas. Aliénation et desaliénation: une confrontation Lukács-Heidegger. In: **Actuel Marx n. 39**. PUF: Paris, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lukács: etapas de seu pensamento estético**. Trad. Renira Lisboa de Moura Lima. Ed. UNESP. São Paulo: 2008.

\_\_\_\_\_. Lukács e o Stalinismo. Trad. Ronaldo Vielmi Fortes. In: **Verinotio: 07 Revista On Line de Educação e Ciências Humanas, nº 11**. Belo Horizonte: 2007 b (disponível em [www.verinotio.org](http://www.verinotio.org))

\_\_\_\_\_. **Lukács e seus contemporâneos**. Trad. Pedro Corgozinho. São Paulo: Perspectiva, 2016.

\_\_\_\_\_. O pensamento do último Lukács. Tradução por Juarez Duayer. **Revista Outubro nº 16**. São Paulo, 2007 a

\_\_\_\_\_. O grande projeto da Ética. Trad. Lucio Flávio R. de Almeida. In: **Verinotio: Revista On-line de educação e ciências humanas n. 12**. Belo Horizonte: 2010. Disponível em [www.verinotio.org](http://www.verinotio.org) (acesso em 14 de julho de 2012)

\_\_\_\_\_. Posfácio. In: LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010.

VAISMAN, Ester. AS RELAÇÕES ENTRE INDIVÍDUO E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE OS PROLEGÔMENOS PARA UMA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL DE G. LUKÁCS. In: **Revista Novos Rumos n. 48 (22)**. Marília: UNESP, 2007.